

As bruxas amam ao entardecer

Josimey Costa

Curva da baía.

Ela está sentada por sobre as pernas dobradas, imóvel. De longe, parece sem vida. O sol, coado por nuvens baixas próximas ao horizonte, impregna a paisagem em torno com uma luz amarela artificial, de vitrais de igreja. O mar borbulha ondas lentas sobre a areia grossa e, fera saciada, ruge pouco e mansamente.

Corpo inteiro.

A cabeça balança de um para outro lado, medusa do desconsolo. Muito tempo. Tempo demais para que os dedos não adormeçam de tédio e a boca não resseque de desuso e os olhos não esmoreçam de vazio. Tanto tempo e, no entanto, não o bastante para esmaecer a dor, cravo que violenta a gengiva massacrada pela sobrevivência da carne, palha de aço que lixa a pele até aparecerem as raízes dos folículos.

Enquadramento da face.

Os olhos são imensos magnetos no rosto pálido. Alto-falantes da alma. Contam sobre um mundo em que a saudade e a pressa não se misturam nem se excluem. A saudade e a pressa são como areia e limalha, que se somam e se sujam, mas não se fundem. A pressa dói mais, muito mais do que a saudade, e obriga a recomeçar. Essa é a sina, como calar agora é o punhal.

Anima. O âmagô.

A mente bizarra dança uma coreografia obscura. Exibe a mortandade da alma e o entorpecimento dos sentidos nessa faina do aplacar constante, insuficiente, insatisfatório, inútil. Como todos, ela poderia rastejar na linearidade incolor do dia comezinho, vivendo a toque de caixa e buscando o toque da cavalaria. Poderia, se não se soubesse oráculo e, por isso mesmo, ainda mais do que todos, só.

O passado.

Um sonho colorido, diferente dos demais, mais vivo, mais brilhante, mais doído. O quarto está vazio. Apesar disso e das janelas e portas fechadas, os quadros nas paredes se movem. Estalos vibram no ar e objetos caem sem causa aparente. Ela sente, mas não vê, uma outra mulher que está presa ali.

Depois, entre tantos outros, um sonho mostra uma mulher que caminha no nada. Carrega, com muito esforço, o filho, uma criança loira e linda, que sorri. A mãe dá urros de dor.

Muitos e novos sonhos. Um, pior: o homem está deitado sobre uma mesa, quieto e em silêncio. Ela se aproxima e o homem não se mexe. Ela o toca. Dele emanam um frio e uma rigidez que contaminam os dedos dela, o braço, o corpo todo. Somem o homem, a mesa e a luz.

O presente.

A vizinha. A nova mulher de um homem cuja primeira mulher, morta há dez anos, ainda está viva na casa onde morou um dia. Ela mantém os móveis na mesma disposição, guarda as roupas no mesmo armário de antes e assombra a nova mulher do marido com sua presença intangível. O marido é o carcereiro, mas a presa é a nova mulher.

A amiga. Pobre, infeliz no casamento, mãe de um menino de cinco anos. O filho nasceu loiro, lindo. Sorri, agora, como sorria então. Habita um vão escuro e malcheiroso debaixo da escada. Tem paralisia cerebral e não consegue sequer defecar sozinho.

O homem é pura angústia. Ainda habita o sonho e aguarda a sua vez de tornar-se realidade.

O futuro.

Envolta em silêncio, ela deita-se na areia temperada pelo sal. O sol é um amante impiedoso quando em pleno vigor, mas, suave no ocaso, despede-se com beijos rubros e cálidos, cuja lembrança o hálito frio da noite vai apagar. Ela sabe que, mais uma vez, vai varar com os olhos as estrelas até a volta do seu amante. Sabe, ainda, que o tempo, cavaleiro do apocalipse real, segue os ponteiros do relógio sem apressar sua marcha e também sem detê-la. E sabe, com a certeza de sua dor mais profunda, que a vida é um hiato entre começos e fins de sonhos.